

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS E AMBIENTAIS

Julie Sabrina Martins da Rosa

**REFLEXOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS CADEIAS CURTAS
DE COMERCIALIZAÇÃO AGROALIMENTAR: ESTUDO DE CASO NA
REGIÃO CENTRAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Frederico Westphalen, RS
2022

Julie Sabrina Martins da Rosa

**REFLEXOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS CADEIAS CURTAS DE
COMERCIALIZAÇÃO AGROALIMENTAR: ESTUDO DE CASO NA REGIÃO
CENTRAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Agronomia, da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Agronomia**.

Orientador Prof. Dr. Igor Senger

Frederico Westphalen, RS
2022

Julie Sabrina Martins da Rosa

**REFLEXOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS CADEIAS CURTAS DE
COMERCIALIZAÇÃO AGROALIMENTAR: ESTUDO DE CASO NA REGIÃO
CENTRAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Agronomia, da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Agronomia**.

Aprovado em 02 de agosto de 2022:

Igor Senger Dr.(UFSM)
(Professor/Orientador)

Prof Dr Fernando Panno
Membro avaliador - UFSM/FW

Mestra Sinara Barros
Membro avaliador - UFSM/FW

Frederico Westphalen, RS
Agosto, 2022

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a minha família, em especial a minha mãe Maria e ao meu irmão David, desde o início dessa jornada sonhamos juntos, e sempre será para vocês todas as minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

A minha família, que tornaram possível a realização desse sonho, principalmente minha mãe que com muito amor e carinho me ensinou os valores que hoje carrego comigo, me ensinou desde muito pequena a correr atrás dos meus sonhos me avisou que a vida fora de casa não seria fácil, e em todos os momentos difíceis me lembrou de como sou forte, sempre dizendo que eu seria capaz e nunca me deixou desistir.

Ao meu padrasto Docimar que me ensinou a mim e ao meu irmão o amor pela agricultura, e foi de grande importância na nossa formação como pessoas, e ao meu irmão David futuro colega de profissão, que esteve sempre ao meu lado me incentivando e dando alguns puxões de orelha quando necessário.

Minha família de Santa Maria, Tia Rosane minha segunda mãe, me incentivou e me acolheu com muito amor durante toda a minha vida, também agradeço ao meu Tio Facco, primo Victor e a Psicóloga Shayene que sempre me apoiaram assim como a Tia Rosane.

Um grande agradecimento com muito amor e saudade a família que ganhei em Frederico Westphalen, a minhas melhores amigas que considero minhas irmãs Luana, Thifani e Sinara que tornaram minha família longe de casa, que me apoiaram e trouxeram segurança. E a todos os amigos que foram importantes durante essa jornada na UFSM, gratidão por terem tornando esse período muito mais agradável e feliz.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu namorado Marcio, por todo companheirismo e incentivo durante momentos tão importantes da minha graduação e na minha vida. Coração só tenho a agradecer por ter você ao meu lado.

Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Igor, pela ajuda, paciência e empenho durante essa caminhada. E a coordenadora Prof. Dr. Denise, que além de uma profissional excepcional, foi durante toda a graduação uma pessoa com empatia, muito querida por todos, e uma inspiração para mim.

RESUMO

REFLEXOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS CADEIAS CURTAS DE COMERCIALIZAÇÃO AGROALIMENTAR: ESTUDO DE CASO NA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

AUTORA: Julie Sabrina Martins da Rosa

ORIENTADOR: Prof. Dr. Igor Senger

A agricultura familiar ao longo da sua história sofreu transformações em suas formas de comercialização, no mercado consumidor, onde as prioridades são de quem consegue produzir em escala maior. Muitos pequenos produtores foram tendo dificuldade para se encaixar nesse modelo de comercialização. Com isso, temos as cadeias curtas de comercialização, que facilitam a comercialização dos produtos na questão da relação entre produtor e consumidor. Mas com o início da Pandemia Covid-19, impactou a vida da toda população, afetou drasticamente as comercializações. Este estudo tem por objetivo: Verificar as influências da pandemia da Covid-19 na comercialização das cadeias curtas agroalimentares. A metodologia desta pesquisa foi iniciada realizando uma pesquisa bibliográfica, com auxílio de bancos de dados on-line, buscou-se livros teóricos da área, revisões em artigos científicos em periódicos. Direcionando a pesquisa de forma qualitativa, realizando um estudo de caso de caráter exploratório, com base nisso buscou-se coletar e descrever informações, através de uma pesquisa de campo com coleta de dados realizada por meio de entrevista presencial nas duas feiras em Santa Maria - RS: Projeto Esperança, localizado no bairro Medianeira, e a PoliFeira, que está localizado no momento na Avenida de Acesso a UFSM no bairro Camobi, aplicando-se um questionário semiestruturado, depois uma análise de conteúdo, para analisar os dados obtidos. Os produtores relataram adotar medidas para continuar no mercado, sentiram um grande impacto nas primeiras semanas, que gerou medos e incertezas, e foi essencial união entre os feirantes, e se reinventar para adaptar à nova rotina imposta pela Pandemia.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Cadeias curtas. Pandemia.

ABSTRACT

REFLECTIONS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON SHORT CHAINS OF FOOD TRADE: A CASE STUDY IN THE CENTRAL REGION OF THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL

AUTHOR: Julie Sabrina Martins da Rosa

ADVISOR: Prof. Dr. Igor Senger

Family farming throughout its history has undergone changes in its forms of commercialization, in the consumer market, where the priorities are those who can produce on a larger scale. Many small producers found it difficult to fit into this marketing model. As a result, we have short commercialization chains, which facilitate the commercialization of products in terms of the relationship between producer and consumer. But with the beginning of the Covid-19 Pandemic, it impacted the lives of the entire population, drastically affected commercialization. This study aims to: Verify the influences of the Covid-19 pandemic on the commercialization of agri-food short chains. The methodology of this research started by carrying out a bibliographic research, with the help of online databases, looking for theoretical books in the area, reviews of scientific articles in journals. Directing the research in a qualitative way, carrying out a case study of an exploratory nature, based on that, we sought to collect and describe information, through a field research with data collection carried out through face-to-face interviews at the two fairs in Santa Maria-RS: Projeto Esperança, located in the Medianeira neighborhood, and PoliFeira, which is currently located on avenue of access to UFSM in the Camobi neighborhood, applying a semi-structured questionnaire, then a content analysis, to analyze the data obtained. Producers reported adopting measures to continue in the market, they felt a great impact in the first weeks, which generated fears and uncertainties, and it was essential to unite between the fairs, and reinvent themselves to adapt to the new routine imposed by the pandemic.

Key words: Family farming, short chains, pandemic.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Mapa da Microrregião Geográfica de Santa Maria..... | 17 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 10 |
| 2.1. AGRICULTURA FAMILIAR..... | 10 |
| 2.2. CADEIAS CURTAS DE COMERCIALIZAÇÃO | 11 |
| 2.2.1. Tipos de cadeias curtas..... | 13 |
| 2.3. A AGRICULTURA FAMILIAR NA PANDEMIA..... | 14 |
| 3. METODOLOGIA | 16 |
| 3.1. NATUREZA DA PESQUISA | 16 |
| 3.2. CARACTERÍSTICA DO LOCAL DE ESTUDO..... | 17 |
| 3.3. COLETA DE DADOS..... | 18 |
| 3.4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS..... | 20 |
| 4. RESULTADOS | 21 |
| 4.1. CARACTERIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS AGRICULTORES ESUDADOS | 21 |
| 4.1.1. Perfil dos Produtores entrevistados no Projeto Esperança | 21 |
| 4.1.2. Perfil dos Produtores entrevistados na Polifeira do Agricultor | 23 |
| 4.2. ALTERAÇÕES E MUDANÇAS NA COMERCIALIZAÇÃO DE CADEIAS CURTAS COM A PANDEMIA | 24 |
| 4.3. IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS AGRICULTORES PARA SE ADAPTAR AO CONTEXTO PANDÊMICO | 26 |
| 4.4. ALTERAÇÕES NA DEMANDA POR PRODUTOS ORIUNDOS DA AGRICULTURA FAMILIAR | 27 |
| 4.5. FATORES QUE DIFICULTARAM E FACILITARAM A COMERCIALIZAÇÃO PELOS PRODUTORES RURAIS..... | 28 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| 6. REFERÊNCIAS | 31 |

1. INTRODUÇÃO

Um movimento cada vez mais observado no estado do Rio Grande do Sul, especialmente na cidade de Santa Maria, é um aumento constante pela procura de alimentos que possibilitam um laço de confiança entre consumidor e o produtor, em comercializações alternativas, como por exemplo, as feiras de produtores rurais, que proporcionam um consumo consciente. Além de saber a forma como é produzido, também possui a garantia de ser um produto de qualidade, vínculo este criado através das cadeias curtas de comercialização.

Uma das características mais marcantes deste tipo de comercialização é a confiança, e outra é que estes produtos geralmente são consumidos nas feiras livres (SILVA, *et al*, 2017). Aonde, para o presente estudo, a forma utilizada foi a face-a-face, por se tratar de feiras agroalimentares.

Mas com o início da pandemia houve efeitos negativos em toda população mundial, afetando a economia e também a agricultura familiar em relação à produção dos alimentos e entre outros. Com isso, percebe-se que a pandemia trouxe diversas modificações em todos os setores, não podendo ser diferente no campo. Além disso, muitas atividades paralisaram neste período, dificultando o processo de comercialização.

Desse modo, para continuarem no mercado, os feirantes tiveram que se adaptar as medidas impostas neste período (NEPOMOCENO, 2022). Foi preciso mudar a tática na comercialização nos espaços das feiras para que seus produtos fossem consumidos, medidas de distanciamento e higienização foram adotadas, diminuindo a insegurança dos feirantes para voltarem ao fornecimento de seus produtos para os clientes (COSTA, *et al*, 2021).

Neste contexto, o presente estudo tem por objetivo verificar as influências da pandemia da Covid-19 na comercialização das cadeias curtas agroalimentares, identificar se houveram dificuldades enfrentadas pelos produtores rurais que comercializam seus produtos em feiras agroalimentares na cidade de Santa Maria, e identificar as atividades dos agricultores estudados, verificar se houve e quais foram as mudanças na comercialização de cadeias curtas durante a Pandemia Covid-19, e como os agricultores se adaptaram a esse contexto, as alterações na demanda por produtos oriundos da agricultura familiar nesse período; assim como os fatores que dificultaram e facilitaram a comercialização pelos produtores rurais.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura é um setor de grande importância para a economia brasileira. Durante muito tempo, as atividades agrícolas foram feitas de maneira simples, com pouco uso de tecnologia. A atividade era amparada por um sistema de produção muito intenso e a mão de obra de baixo preço.

Desde a época do Brasil Colônia uma das primeiras formas de agricultura foi a familiar, praticada pelos índios, negros e europeus, sendo voltada para a subsistência dos povos e tinha como principal característica a mão de obra familiar. Além disso, esta agricultura variava de acordo com os tipos de colonização, o clima, a economia e o local de plantio (CASTRO, 2015). Atualmente no Brasil, a agricultura familiar possui problemas antigos que não foram solucionados, colocando em risco as condições da evolução desta atividade. Sendo que na maioria das vezes, os agricultores lutam com suas forças para a modernização desta agricultura familiar.

O Brasil possui uma diversidade de biomas e isso acabou dificultando a modernização da agricultura. No entanto, um dos biomas que mais facilitou esse processo foi o Pampa, localizado na Região Sul, porém, a matéria-prima era externa e não renovável (THIES *et al.*, 2020).

No conceito de agricultura familiar, o agricultor tem a sua própria terra, sendo que usufrui desta para o plantio e tem como predomínio a força familiar, no entanto, não extingue o uso de mão de obra de outras famílias nesta atividade. Com isso, caracteriza-se por uma agricultura de subsistência, tendo uma autonomia nas práticas agrícolas. Além disso, as áreas da agricultura familiar são de pequeno porte, onde muitos agricultores utilizam fertilizantes orgânicos para aumentar a produção (SILVA, *et al.*, 2017).

Além disso, os agricultores possuem recursos limitados, são pouco comercializados, é pobre pois a mão-de-obra tem que ser sempre familiar. Uma ferramenta que enriqueceria os agricultores seria se pudessem controlar os diversos laços das cadeias. Os produtos das cadeias tornam-se diversos a partir da sua procura. (GAZOLLA, 2012).

Por este motivo, constrói-se cooperativas para lidar com as dificuldades de comercialização dos produtos oriundos das pequenas propriedades, sendo que estes

agricultores, possuem dificuldade de oferta em alguns meses do ano, pela sazonalidade de alguns produtos, além de uma movimentação do campo para a cidade que diminui o número de pessoas na zona rural, conseqüentemente a venda direta nas propriedades (PLOEG, 2009).

Dessa forma, a finalidade destas cooperativas gera melhorias e qualidade de vida dos agricultores, e outras alternativas como auxiliar o produtor para diversificar a produção e formas para facilitar a comercialização do produto. Sendo que, a mercantilização contribui para a variedade de estilos de agricultura (PLOEG, 2009).

Dessa maneira, um dos problemas frequentes é o aumento da dependência do mercado. Ainda mais, para agricultura familiar, que dispõe de mão-de-obra familiar e está tentando ter um acréscimo em sua produção. Produtores familiares tem uma importante estratégia eles criam redes o que oportuniza melhores preços, muita segurança alimentar e obtenção de recursos que são poucos (PLOEG, 2009).

Ademais, existe uma competitividade entre os camponeses nos canais de comercialização. Porém estes camponeses podem ter acesso às ferramentas que são indispensáveis a prática da agricultura familiar (PLOEG, 2009).

2.2. CADEIAS CURTAS DE COMERCIALIZAÇÃO

Entende-se cadeias curtas como o processo pelo qual ocorre um encurtamento da cadeia e isso faz com que a relação entre produtores e consumidores sejam aproximadas de diversas maneiras e modos. As cadeias curtas proporcionam uma relação de confiança entre produtor e consumidor diferenciando-se das cadeias longas que estão em declínio (AMARAL, 2020). As cadeias curtas são complexas, estão entrelaçadas com as redes e são estratégias de atuação. Além disso, estas cadeias são construídas dentro de um ambiente sendo capaz de estar presente na globalização (FERRARI, 2011).

Essas cadeias curtas são sistemas de inter-relações as quais envolvem-se na produção, modificação, distribuição e consumo de alimentos. Contudo, um dos crescentes problemas que as cadeias curtas estão enfrentando é o acréscimo nos custos da produção e também se preocupam com a questão da segurança alimentar que diz respeito se os produtos são saudáveis nas condições nutricionais (LOPES *et al.*, 2019).

Conforme Silva *et al.* (2017), utilizam o termo circuitos curtos de comercialização em vez de cadeias curtas. As chamadas feiras livres são onde grande parte dos produtos são comercializados pelos agricultores familiares. Essas feiras ocorrem em espaços públicos e são bastante frequentes, nestas feiras existe uma grande experiência entre consumidor e produtor e existe uma tradição e cultura. Além disso, estes termos proporcionam uma conexão entre produtor e consumidor levando a uma construção de conceitos entre estudiosos, tendo como exemplo Reino Unido, França, Estados Unidos e Brasil (SILVA *et al.*, 2017).

Cadeias curtas de comercialização contribuem para que a venda de produtos gere uma conexão entre consumidor e produtor. Estas cadeias são uma forma de geração de renda, trabalho e uma oferta de produtos saudáveis. Além disso, existem características que determinam as cadeias curtas que são: proximidade entre o produtor e consumidor, especificidade e enraizamento. Uma outra maneira de venda é quando os camponeses vendem a domicilio caracterizando como venda face a face.

A limitação de ofertas levou a uma elaboração de novos mercados tendo como base as cadeias curtas de comercialização resultando numa proximidade entre os consumidores e os produtores (VERANO; MEDINA, 2021). A comercialização em circuitos curtos compreende transações comerciais com a presença de um ou nenhum intermediário, ou seja, a venda direta (FERNANDES, 2016). Ademais, as cadeias curtas de comercialização, notadamente as feiras livres, têm se mostrado estrategicamente promissoras no propósito de efetivar o escoamento da produção de muitos agricultores familiares (SILVA, *et al.*, 2017).

As feiras desempenham um importante papel oportunizando desenvolvimento rural. Além disso, as feiras ocorrem semanalmente tendo uma distribuição local de alimentos. Ainda mais, estas feiras geram vínculos entre agricultores e consumidores fortalecendo as cadeias curtas de comercialização (VERANO; MEDINA, 2021). Também criam um papel de identidade com o agricultor familiar, geralmente realizam-se nas cidades, possui uma ideia de independência para o agricultor, é dela que advém sua renda (FERRARI, 2011). O desafio consistia na melhoria da capacidade de interação social e desenvolvimento de habilidades a partir dos produtores, a fim de construir esses novos mercados em um contexto de economia da qualidade (SCARTON, 2016).

Entretanto, existem estratégias importantes na conformação de um sistema agroalimentar, alternativo, baseado em modelos produtivos mais sustentáveis e em

formas mais justas de consumo (AMARAL, 2020). Estes são concebidos, por governos, organizações da sociedade civil e academia. Assim, um conjunto de mercados emergentes constitui-se a partir do âmbito local e da relação direta entre compradores e vendedores na lógica do estabelecimento de cadeias curtas de mercantilização (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

2.2.1. Tipos de cadeias curtas

As cadeias curtas são uma forma de comercialização de produtos agroalimentares, segundo Schneider e Ferrari (2015) podem ser classificadas de três formas: face a face, proximidade espacial e espacialmente estendida.

Na cadeia curta de face a face os consumidores tem uma relação direta entre consumidor e produtor, caracterizadas pelas feiras de beira de estrada. Além disso, estas cadeias têm uma característica muito marcante, a sua originalidade e, sua confiança ocorre através da relação entre o produtor e consumidor, construindo uma base sólida de consumidores (FRANZONI, 2015). Ademais essas cadeias possuem meios de comercialização como: feiras livres, indo de casa a casa, e casas coloniais (FERRARI, 2011).

Já a cadeia do tipo de proximidade espacial tem bom resultado no estado principalmente na agricultura familiar, artesanal, entre outras (FERRARI, 2011). Ainda mais, há uma questão marcante: a constante atuação das cooperativas. (FRANZONI, 2015). Bem como, nestas cadeias curtas os produtos são comercializados na sua região de plantio (FRANZONI, 2015). Mas também, as vendas destes produtos ocorrem em locais como: restaurantes, eventos da comunidade, mercados e merenda escolar (FERRARI, 2011).

As cadeias curtas do tipo espacialmente estendidas vendem seus produtos: com código de produção e para grandes marcas (LOPES *et al.*, 2018). Além disso, estas cadeias possuem certificado e são as mais novas no mercado econômico (FERRARI, 2011). Ademais, nessas cadeias curtas não existe uma relação entre consumidor e produtor (FRANZONI, 2015). Ainda mais, tem como característica a comercialização dos produtos que não são dos locais de origem tendo um importante método de comercialização o fair trade (FRANZONI, 2015).

São consideradas como estratégias de comercialização de cadeias curtas a reconexão ou (re) aproximação entre consumidores e produtores e está entre os

principais argumentos em defesa das cadeias curtas de comercialização de bens alimentares (AMARAL, 2020). As cadeias curtas de comercialização surgem como parte de uma economia alternativa que busca incorporar valores sociais e culturais coletivos. Ou seja, ofertam produtos que trazem traços culturais locais, alto apelo emocional a escolha de alimentos que apresentam aspectos associados à qualidade de vida e à manutenção de processos produtivos na sua produção.

O ponto primordial é que as cadeias curtas de comercialização, geralmente são associados a experiências alternativas ao sistema agroalimentar convencional, relacionadas em princípios éticos, morais e culturais, tais como: sustentabilidade ambiental da cadeia de abastecimento alimentar, sistema de produção sustentável, justiça social, solidariedade e confiabilidade.

A busca de alternativas à redução de custos e a de novos processos de valorização de produtos fazem parte das estratégias de diversificação das atividades produtivas e ampliação das fontes de ingresso (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

2.3. A AGRICULTURA FAMILIAR NA PANDEMIA

A agricultura familiar possui muitos obstáculos, porém tem um elo que transmite confiança, reciprocidade e uma aprovação, pois ocorre de modo direto entre agricultor familiar e consumidor. Essas características citadas acima é o que leva aos consumidores comprarem os produtos dos agricultores familiares.

Ademais, a agricultura familiar possui dois principais desafios: um deles é adentrarem em mercados grandes pois, sempre que produz este tipo de produto são pequenos e médios agricultores e, outro desafio é de comprarem elementos essenciais para auxiliar na produção agrícola.

Portanto, o que auxilia o produtor familiar são as cooperativas, estas ajudam na questão de comercialização dos produtos agrícolas e do desenvolvimento destes produtores. Com isso, com a chegada da pandemia, os obstáculos aumentaram, pois, acarretou problemas como desemprego, fechamento de fábricas, entre outros, o que causou uma queda da economia consequentemente, prejudicando a agricultura familiar (BASSO, 2021).

Conforme Inácio (2022), o período da pandemia causou uma vulnerabilidade nos sistemas alimentares, causando uma fragilidade e tendo como consequência um valor alto nestes preços. Sendo que, as pessoas estavam desempregadas em meio à

crise, tendo assim uma diminuição da sua renda. Dessa maneira, o que leva a um problema de fome e uma desorganização da produção.

De acordo com Claudino (2020), foram afetados principalmente os produtores de hortifrúti, levando a um cancelamento de feirantes e produtores, pois estavam em época de colheita e, muitos foram obrigados a ceder, tendo de baixar custos. Após esta crise, no mês de maio muitos retomaram, porém não foi com a mesma comercialização em alta de antes, muitos tiveram que se ajustar a este período da pandemia, levando a inclusão de medidas de combate, podendo causar um desequilíbrio no futuro.

Entretanto, os agricultores no período da pandemia tiveram de cumprir o tempo de isolamento social permanecendo em casa, pois foram as medidas adotadas no começo deste período para não haver disseminação da COVID-19, assim, nesse período da pandemia foram encerrados os trabalhos em feiras livres, afetando a economia. Com isso, os agricultores foram prejudicados, pois muitos perderam seus produtos.

3. METODOLOGIA

3.1. NATUREZA DA PESQUISA

Como Spink (2002) sugere, pesquisa de campo se refere à observação e à interação com as pessoas “no seu habitat natural”, permitindo assim, observar em seu local de vivência outros fatores que influenciam no cotidiano do entrevistado. Sendo assim, esta pesquisa tem como característica fundamental a investigação empírica no local, buscando saber a relação entre os fenômenos estudados.

Esta pesquisa se caracteriza por ser do tipo estudo de caso, realizada em duas feiras agroalimentares, buscando entender mais sobre os elementos naquele local real (PRODANOV; FREITAS, 2013). Que tem como vantagens: um estudo mais detalhista, pois é realizada a coleta de dados, onde o pesquisador busca investigar as influências da pandemia da Covid 19 na comercialização das cadeias curtas agroalimentares.

Realçando vantagens importantes como: possibilita manter todos os aspectos e propriedades do fenômeno estudado numa só unidade e este estudo permite uma análise e entendimento de determinado fenômeno a ser investigado (TOLEDO; SHIAISHI, 2009).

Este estudo também consiste em uma pesquisa qualitativa, que conforme Franco (2018), tem as vantagens de facilitar uma análise em relação a história dos processos e investigar hipóteses que tem influência na questão de entendimento do mundo social.

Além de que, esta pesquisa é apropriada para todos os temas principalmente na questão de investigação e de pesquisa ao mesmo tempo que se realiza a coleta de dados pode-se escrever a parte do referencial teórico, também na questão de análise e recria as perguntas realizadas no decorrer da pesquisa.

A PoliFeira insere-se assim como uma rede agroalimentar alternativa que busca o conceito de alimento em outros aspectos, em que pese a sua relação com o local e envolvimento direto da agricultura familiar na produção dos alimentos (SOUZA *et al.*, 2017).

A feira conta com 27 feirantes de agricultores cadastrados, com frequência na feira de aproximadamente 15 feirantes, 1 cooperativa de agricultura familiar e 2 assentamentos que produzem e comercializam hortifrúti, produtos processados, panificados, derivados do leite e carne (SOARES; SILVA, 2020). E está localizada na Avenida Roraima, bairro Camobi, e funciona das 7h às 12:30h, nas terças-feiras.

A segunda feira estudada foi o Projeto Esperança/Coesperança, segundo Cáritas Brasileira (2020) a primeira edição ocorreu em 1994, inicialmente como uma pequena feira local, que foi crescendo para regional, nacional e atualmente, é internacional e intercontinental. Com a proposta do cooperativismo, na perspectiva de gerar trabalho e renda, dignidade pelo trabalho organizado, com a valorização do trabalho acima do capital, na construção da cidadania e inclusão social.

Atualmente na cidade de Santa Maria - RS, a feira é realizada no sábado das 7h às 11:30h, no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, também conhecido como Feirão Colonial. O Espaço conta com 5 pavilhões, abrigando expositores de panificação, artesanato, hortigranjeiros, plantas ornamentais e a praça de alimentação.

3.3. COLETA DE DADOS

A pesquisa foi conduzida de forma presencial no local das feiras, seguindo os seguintes procedimentos: pesquisa documental, observação no momento das visitas às feiras, as entrevistas foram gravadas, com autorização verbal dos entrevistados, e foram agendadas com os organizadores para os dias 22 e 25 de janeiro de 2022, com o auxílio de um roteiro de entrevista previamente elaborado, com perguntas descritivas, visando compreender melhor a realidade desses produtores.

A pesquisa documental primeiramente buscou-se realizar uma pesquisa bibliográfica abrangendo o tema proposto, com auxílio de bancos de dados on-line, buscou-se livros teóricos da área, revisões em artigos científicos em periódicos. Para compreender o histórico das duas feiras, a forma como foram iniciadas, os objetivos e características próprias de cada uma, através de uma pesquisa online, onde se

buscou trabalhos já publicados sobre esses projetos, e também uma entrevista informal com os organizadores para poder entender o formato atual de cada uma.

Direcionando a pesquisa de forma qualitativa, realizando um estudo de caso nas duas feiras estudadas, de caráter exploratório, com base nisso buscou-se coletar e descrever informações, através de uma pesquisa de campo com coleta de dados abrangendo o tema proposto.

Os dados foram obtidos através de entrevistas gravadas, no total foram 21 agricultores entrevistados, os quais possuem aproximadamente 5 anos de experiência na comercialização em cadeias curtas (feiras).

Os entrevistados foram escolhidos levando em consideração tempo de comercialização na feira, na medida do possível, escolheu-se os produtores com mais tempo de experiência na comercialização na feira em questão, no momento da entrevista, abordando os produtores conforme a disposição no momento para entrevista, primeiramente passando nas bancas com dois produtores, aonde um poderia responder a entrevista enquanto o outro atendia os consumidores.

Em um segundo momento foram escolhidas as bancas que já estavam finalizando a comercialização de seus produtos, e assim já com movimento menor de consumidores, que possibilitou entrevistar os produtores sem interferir nas suas vendas.

Todos os produtores entrevistados são considerados Agricultores Familiares Clássicos (AFC), categoria que segundo Alende (2006) que produzem em áreas menores, contendo uma produção diversificada e intensiva, para uma maior produção em um espaço menor, diversificando para ter produto para comercializar todas as estações do ano.

No Projeto Esperança foram entrevistados 12 feirantes, sendo 9 deles produtores de hortifrutigranjeiros, 1 de ervas medicinais, 1 de panificação e 1 de Laticínios e embutidos. A feira é composta por agricultores que possuem muitos anos de experiência na comercialização de cadeias curtas.

Na PoliFeira por sua vez foram entrevistados 9 feirantes, sendo 1 produtor de alimentos de origem animal, 2 produtores de panificação, 1 produtor de suco integral e ovos, 1 produtor de cereais (arroz) e 4 produtores de hortifrutigranjeiros.

Dessa forma, as entrevistas tiveram uma média de 9 minutos cada uma, levando em consideração o alto fluxo de cliente ainda no momento das entrevistas, sendo algumas mais rápidas e objetivas, e outras mais longas.

3.4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a pesquisa optou-se pelo método qualitativo, compreende-se que os números são importantes, o intuito das entrevistas foi conversar com os produtores, entender suas perspectivas, entender a história de cada um (OUVIREZ, 2021).

Empregou-se a pesquisa qualitativa por ela envolver a aquisição de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos, pela relação direta do pesquisador com o caso a ser estudado, procurando compreender os fatos segundo a perspectiva dos participantes do caso em estudo (GODOY, 1995).

Conforme Poupart, *et al.*, (2008), a pesquisa qualitativa é detalhista em sua abordagem, no que diz respeito, a pesquisa de campo quando esta se utiliza da forma de entrevista, como é o caso deste trabalho. Além disso, a pesquisa qualitativa tem por finalidade discorrer e entender sobre uma experiência sendo específica.

Portanto, neste trabalho foi utilizado uma análise de conteúdo que geralmente, é realizada na forma escrita ou oral e além de, sempre estar relacionada com o contexto do que está sendo analisado. Assim, percebe que a análise de conteúdo se utiliza da crítica realizando uma análise da ação (FRANCO, 2018).

4. RESULTADOS

Os resultados obtidos através dessa pesquisa foram coletados através de entrevistas gravadas com 21 produtores rurais que participam de duas feiras agroalimentares na cidade de Santa Maria – RS, posteriormente foram transcritos em forma de texto, que possibilitou realizar-se, a análise e interpretação qualitativas dos dados coletados. Após a obtenção dos dados primários, foi possível categorizar para poder analisar as características qualitativas, e assim dispor em forma de texto nos tópicos a seguir:

4.1. CARACTERIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DOS AGRICULTORES ESTUDADOS

Por ser uma produção de subsistência que é comercializado seu excedente, com produção diversificada, pode-se dizer que a maioria dos agricultores produzem as mesmas variedades de alimentos, procurando sempre uma forma para diferenciar sua produção. Para melhor compreender essas diferenciações os dados serão analisados por feira.

É necessário fazer uma observação quanto a produção, que por terem características sazonais, pode-se observar que os alimentos citados, são alimentos característicos da época em que ocorreu a entrevista, ou seja, o mês de janeiro.

4.1.1. Perfil dos Produtores entrevistados no Projeto Esperança

No Projeto Esperança foram entrevistados 12 produtores, sendo 9 deles produtores de hortifrutigranjeiros, 1 de Ervas medicinais, 1 de panificação e 1 de Laticínios e embutidos.

Dentre os produtores entrevistados, 5 eram mulheres e 7 eram homens. Em relação a faixa etária dos entrevistados, pode-se estimar que dentre os 12 entrevistados, 3 pertencem a faixa etária entre 18-29 anos, e 6 entrevistados na faixa etária entre 30-59 anos, 3 entrevistados na faixa etária com mais de 60 anos. Onde todos relataram ter mais de 5 anos de participação do projeto Esperança, sendo um deles um dos idealizadores do projeto.

Ao serem questionados sobre sua produção, relataram que produzem as distintas variedades: de folhosas, depois outros como tomate, moranguinho, uva, vinho, suco, figo, banana, feijão, mandioca, pimenta, moranga, abóbora, batata doce, pêsego, melancia, melão, nozes, pepino, mel, derivados animais como queijo, banha, embutidos, açúcar mascavo, melado e produtos de panificação como pão, cuca, bolachas e salgadinhos.

Entre os produtores do Projeto esperança pode-se observar uma semelhança maior na escolha dos alimentos produzidos entre 10 dos 12 entrevistados, pelo fato de produzirem um pouco de cada coisa para vender o excedente, ou seja, pode-se observar nas bancas mais variedades de produtos, em uma menor quantidade de cada produto.

Com exceção do produtor de panificação, que tem sua produção mais voltada a agroindústria com produtos mais específicos como pão, cuca, bolachas, salgadinhos e também relatou recolher óleo de cozinha usado, com os colegas da feira, e até mesmo alguns clientes na feira para reutilizar na produção de sabão.

Assim como a produtora de ervas medicinais possui uma produção mais específica, tem uma grande diversidade de ervas medicinais, algumas mais conhecidas aqui na região e algumas especiarias oriundas do cerrado brasileiro.

Quando questionados sobre alimentos processados na propriedade foi relatado processamento dos alimentos para conservar por mais tempo o excedente da produção derivados de leite como o queijo, também utilizar o excedente de legumes e frutas para fazer conservas e geleias, e também o congelamento de frutos para poupa de suco, do mesmo modo o congelamento da mandioca para poder estocar e aumentar seu tempo útil para consumo.

Foi relatado pelos produtores algumas formas de produção, relataram utilizar forma de produção convencional, alguns utilizando estufa para produção de morango e tomate, e alguns utilizam o método convencional com auxílio de túnel baixo principalmente para as variedades de folhosas. E apenas um utiliza uma maior tecnologia que, seria estufas LED essa mesma propriedade, sendo a única que produz sem resíduos de agrotóxicos.

4.1.2. Perfil dos Produtores entrevistados na PoliFeira do Agricultor

A PoliFeira conta com um arranjo diferente do Projeto Esperança em relação aos agricultores que participam. Dentre os 9 entrevistados, duas das entrevistadas eram mulheres e 7 entrevistados eram homens

Em relação a faixa etária dos entrevistados, pode-se estimar que dentre os 9 entrevistados 2 pertencem a faixa etária entre 18-29 anos, e 5 entrevistados na faixa etária entre 30-59 anos, 2 entrevistados na faixa etária com mais de 60 anos. Aonde 1 feirante relatou ser o primeiro produtor a participar do projeto, e também ser responsável pelo convite aos outros produtores para participarem, 7 feirantes relataram ter aproximadamente 4 anos de participação da PoliFeira, 1 relatou participar a aproximadamente a um ano, e 1 feirante relatou ter apenas 6 meses de participação da feira.

Os nove produtores entrevistados relataram que buscam a diversificação na produção dos alimentos comercializados, forma encontrada para suprir na medida do possível a demanda dos consumidores.

Com isso, relata-se um agricultor que produz derivados animais, frango de corte, ovos, queijo, mel, algumas opções de farináceos diversificados, e algumas geleias e conservas. E para complementar seus produtos terceiriza algumas opções de farináceos, banha, embutidos suínos, e mais algumas opções de geleias e conservas.

Esse produtor só pode comercializar nesse formato pelo fato, da feira estar localizada fora da UFSM no momento, que pelo regimento não poderá comercializar produtos terceirizados dentro da universidade nos moldes da feira.

A feira conta com produtores de panificação, um voltado para tortéis, agnoline e panquecas como diferenciação e outro, com panificação como pães cucas e bolachas, e também com 4 produtores de hortifrúti, com produtos em comum, como as folhosas, legumes e frutas da estação em geral, mas cada um com o seu produto como diferenciação.

Também, foi entrevistado 1 produtor de uva, suco e vinho, e suco de laranja. O qual, no início da pandemia observou que havia demanda de ovos para comercialização, e investiu na produção de avicultura de postura, aproveitando que já tinha o conhecimento necessário para produção. E um produtor de arroz sem resíduos de agrotóxicos, nem todos os produtores tem selo de produção orgânica, mas para a

participação na PoliFeira todos precisam ter uma produção livre de resíduos de agrotóxicos, para isso recebem suporte e assistência da UFSM, como por exemplo realizam testagem na UFSM para garantir que sua produção é livre de resíduos de agrotóxicos.

Em relação a produção, os entrevistados relataram utilizar produção convencional para maioria das culturas comercializadas, e produção em estufa para as culturas de tomate e morangos. Quando questionados se realizavam processamento de algum alimento na propriedade, 1 produtor relatou processar a uva em suco e vinho, 1 relatou realizar conservas e compotas de frutas e pimenta, 1 produtor relatou realizar processamento de mandioca em chips de mandioca, ou congelamento da mandioca, e da poupa de frutas, permitindo assim diminuir a perda de produtos.

4.2. ALTERAÇÕES E MUDANÇAS NA COMERCIALIZAÇÃO DE CADEIAS CURTAS COM A PANDEMIA

A organização da PoliFeira é realizada pela UFSM, então conta com apoio de muitas pessoas que frequentam a universidade, por isso diferente da outra feira, sentiram muito, os impactos da pandemia, devido à ausência das pessoas que aproveitavam que estavam na universidade para adquirir produtos da PoliFeira. Dificuldade essa que foi superada aos poucos com o apoio dos organizadores da PoliFeira.

Ademais alguns agricultores relataram que não sentiram necessidade de divulgação de seus produtos, por existir essa divulgação da parte organização, através das redes sociais, onde não foi medido os esforços para manter o apoio aos agricultores nesse momento.

Para entender melhor os impactos da pandemia na rotina dos feirantes da PoliFeira, foi importante compreender como funcionava essa rotina antes da pandemia. Um dado interessante ocorreu que pela idade de alguns agricultores no início da pandemia foi recomendado a faixa etária com mais de 60 anos, durante aproximadamente uns dois meses a não participar da feira.

Alguns feirantes relataram utilizar apenas, como forma de divulgação de “boca a boca” durante a feira, e tiveram dificuldade de comercializar seus produtos nesse período, então houve uma união dos agricultores, os que não conseguiam participar

presencialmente na feira, entregavam seus produtos para os que continuaram na feira comercializar.

Alguns produtores relataram que divulgavam seus produtos direto com o consumidor na feira, e para se adaptar passaram manter esse vínculo via WhatsApp para realizar encomendas e entregar de forma *Drive True*, forma encontrada para permitir a venda sem o consumidor sair do carro.

Dessa forma, pode-se observar em ambas as feiras, mudanças na forma de comercialização, alguns agricultores relataram ter sua principal forma de comercialização nas feiras antes da pandemia, tendo uma pequena parte da renda oriunda da comercialização direto na propriedade, relataram não sentir grandes impactos.

Entretanto os agricultores que notaram um grande impacto foram os que participavam de grandes Feiras Estaduais do Agronegócio como a Expointer que por serem grandes eventos garantiam um bom retorno, e foram os primeiros eventos a serem cancelados na pandemia.

Assim, como produtores que entregavam uma parte significativa da sua produção para merenda escolar, logo como as grandes feiras foram canceladas e o agricultor perdeu essa renda de seus produtos que, já estavam em produção no campo. Além disso, muitos relataram que essa seria a renda para investimentos que, foram suspensos nesse período.

Outros fatores também foram observados, como a redução do principal público que são os idosos, os quais demoraram para ir voltando a frequentar a feira, mas sempre achavam uma forma de alguém buscar seus produtos por já serem clientes fixos.

Ressaltando a importância do Projeto Esperança e da PoliFeira, se mantiveram durante toda pandemia para a comercialização desses agricultores. Ademais, ao serem questionados sobre as mudanças relataram grande diminuição apenas, nas primeiras semanas da pandemia, após esse período o movimento foi voltando aos poucos, assim garantindo a renda dessas famílias.

4.3. IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS AGRICULTORES PARA SE ADAPTAR AO CONTEXTO PANDÊMICO

Os agricultores a mais tempo na comercialização de cadeias curtas, relataram que por ter experiência nas semanas de maior restrição, apenas pensaram, logo voltaria ao normal e, foram seguindo, se adaptando-se as normas, por não depender exclusivamente, da renda da feira, foi relatado por alguns já serem aposentados. Assim, estes reduziram sua produção quando necessário, e apenas aguardaram as vendas irem se normalizando.

Já quem tem menos tempo na produção, relataram depender da feira para compor sua renda, e procuraram formas para comercializar e de equilibrar suas vendas nesse período como: o uso do WhatsApp para encomendas Instagram e Facebook. Além disso, um dos produtores relatou aderir a aplicativos como Delivery Much. Mas conforme, vai normalizando as vendas diretas na feira, vão diminuindo essas alternativas de comercialização.

No caso da produtora de ervas medicinais que é comercializada no Projeto Esperança relatou uma adaptação em toda sua forma, primeiramente por não poder mais viajar para buscas as ervas e especiarias do cerrado brasileiro. Relatou também, precisar adaptar seu produto para atender as novas normas, antes comercializava em sacas grandes, comercializava de forma a granel por peso, precisou fracionar e, vender seu produto em embalagens com etiquetas, contendo os dados de cada produto.

Produtores de ambas as feiras relataram que nos primeiros meses, como medida de prevenção, em frente as bancas utilizavam uma faixa para distanciamento entre o consumidor e a banca, e apenas o agricultor tocava nos produtos com uso de luva, nesse momento notaram um recuo dos consumidores, por ter a questão cultural de tocar para escolher seu produto. Mas, facilmente recuperaram a confiança desses consumidores, dando atenção na escolha do produto.

Na feira do Projeto Esperança o espaço precisou ser remodelado, contava com 3 fileiras de bancas, e passou a liberar o meio do pavilhão e contar com duas fileiras de bancas nas laterais, diminuindo assim o espaço para o produtor.

Já na PoliFeira precisou uma realocação desses agricultores, que comercializavam dentro da UFSM, próximo ao planetário, e com um dos decretos foi restrita a entrada na Universidade. Então foi realocado na Avenida Roraima que dá

acesso à universidade, mantendo todo o vínculo e apoio da universidade com o projeto. Mas apesar disso, não foi possível manter a feira que acontecia próximo a Biblioteca da Universidade nas quintas feiras, onde a maioria dos produtores da PoliFeira participavam.

Mais uma estratégia utilizada para a adaptação em ambas as feiras foi, as encomendas pelo WhatsApp para entrega em frente à feira em modo *Drive True*, onde foi um momento de união. Já que nem sempre tem em uma única banca, todos os produtos que o consumidor deseja, os colegas que se dispunham fazer essas encomendas passam nas outras bancas para levar ao consumidor todos os produtos desejados e manter o vínculo de confiança com o consumidor e o grupo de colegas.

Foi relatado pelos agricultores que procuram sempre buscar novidades, os quais não há nas outras bancas, para preencher as lacunas que existem na demanda dos consumidores, e assim poder manter o vínculo de fidelidade com o consumidor. Um dado muito importante também observado e, relatado é um forte vínculo de união entre os feirantes, aonde a divulgação e conquista de clientes não é individual e sim, pelo grupo todo.

4.4. ALTERAÇÕES NA DEMANDA POR PRODUTOS ORIUNDOS DA AGRICULTURA FAMILIAR

De forma geral, entre os produtores de hortifrúti, por ter experiência, já adaptaram sua produção conforme a sua demanda, aos anos de comercialização foi ajustando qual produto sai mais e aumentado sua produção, qual sai menos e diminuindo, para manter uma comercialização sem muitos excedentes.

Quando questionados sobre a demanda antes da pandemia, os feirantes relataram ter uma ótima saída de todos seus produtos, que por terem anos de experiência em feiras, já moldaram sua produção conforme a demanda dos consumidores. Que os produtos comercializados já são produzidos em cima da demanda já conhecida.

Durante a pandemia houve algumas situações, como no início que parou drasticamente a circulação de pessoas nas feiras de uma hora para outra. Assim, os produtores que já tinham os produtos, então realizaram alguns processamentos, para não perder totalmente a produção nessas primeiras semanas, como congelar as frutas

para uso de poupa para suco, fazer conservas com alguns legumes e compotas de doces com algumas frutas. Mas logo foi voltando ao normal as vendas na feira.

E no atual momento que com a estiagem perderam uma parte da sua produção, e não conseguiram suprir a demanda dos consumidores. Mas de forma geral especificamente, pela pandemia não notaram a diminuição e, nem o aumento de demanda de nenhum produto específico.

4.5. FATORES QUE DIFICULTARAM E FACILITARAM A COMERCIALIZAÇÃO PELOS PRODUTORES RURAIS

Fator em comum nas duas feiras foi o fato de que facilitou a comercialização para grande maioria dos agricultores. Motivo pelo qual escolheram e permaneceram na comercialização em feiras, foi por conta de melhor adaptação aos moldes de comercialização que lhe é imposto, como não precisar de atravessadores, poder comercializar seu produto direto ao consumidor. Foi observado que a principal característica valorizada por esses agricultores é a rede de apoio que essa forma de comercialização oferece, seja da parte dos organizadores que se empenham para manter o funcionamento, ou da parte do grupo de colegas feirantes, os quais mantêm a união em todas as adversidades.

No geral, os produtores não consideram grandes dificuldades para a comercialização antes da pandemia, pela comercialização em feiras ter essa característica do produtor ter flexibilidade de levar seus excedentes conforme tem na propriedade, sem uma cobrança de regularidade.

De modo geral, como toda a população, houve sim uma dificuldade em se adaptar no início ao novo modo de convívio imposto pela pandemia. Ademais, alguns feirantes tiveram mais dificuldade pelo desconforto causado pela máscara, outros pelas normas do distanciamento, sugeriram muitos medos, principalmente de contrair o vírus, mas também de todas as incertezas que havia no início da pandemia por não entender como seria a vida nesse período.

Aos poucos os agricultores relatam ir se adaptando conforme ia se disponibilizando informações sobre o vírus e formas de prevenção. Alguns produtores mencionaram não ter dificuldade antes da pandemia, por ter anos de experiência, já conhecer o funcionamento das feiras, adaptaram suas produções conforme suas demandas, e sua disponibilidade de produção para comercializar, apenas quando é

tempo de estiagem e diminui sua produção, mas como já são fatores que não se pode controlar, já estão acostumados.

Quando questionados se houve uma iniciativa individual ou do grupo para fortalecer as feiras no período da pandemia, muitos ressaltaram o empenho das organizações, que não mediram esforços para manter as feiras abertas no período de maiores restrições. Assim como buscaram formas de adaptar os espaços para adequar as normas impostas pela prefeitura nos decretos, para o funcionamento.

Mas também muito importante, foi o empenho mútuo dos feirantes, que contaram com todo o auxílio da organização para manter seus produtos ali todos os dias de feiras. Bem como, se empenharam e buscaram formas de fortalecer sua comercialização e de seus colegas.

Como os que se organizaram para realizar entregas, se o consumidor pedisse algum produto que não tinha no momento, passava em outras bancas para levar todos os produtos encomendados, reforçando além do vínculo de fidelidade com o cliente, fortalecia as vendas dos colegas feirantes.

Essa união entre os feirantes foi muito importante para permanência de muitos na feira durante esse período. Outra iniciativa relatada por todos, foi reforçar os cuidados de prevenção, conscientizando todos os feirantes e consumidores da importância de seguir todas as normas impostas pelo decreto para conseguir manter as feiras em funcionamento, e também devidamente protegidos foi a melhor estratégia, para manter a frequência nesse período de pandemia.

É importante identificar atividades realizadas, características da sua produção, mas principalmente quais os impactos da pandemia “Covid-19” na rotina de cada um, suas principais dificuldades nesse momento de maior rigidez no “distanciamento social”.

Suas estratégias para manter a comercialização de seus produtos agroalimentares nos momentos de maior restrição, se já usavam, ou passaram a usar o auxílio das redes sociais para buscar novas formas de comercialização e perspectivas futuras para sua propriedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados neste estudo, pode-se salientar a importância das duas feiras estudadas, foi fundamental para auxiliar os agricultores com suas dificuldades durante a atual momento de Pandemia. Além disso, vê-se uma evolução dos agricultores quanto a questão da sua comercialização ao decorrer da pandemia, ao longo de seu desenvolvimento tornou-se diversificada na cultura dos produtos, sempre foi de acordo com sua procura para o meio de comercialização.

Assim, é visto que a pandemia impactou significativamente em momentos mais severos, os agricultores familiares em diversos fatores no campo como: na economia, pois muitas empresas paralisaram neste período, muitas pessoas ficaram desempregadas, entre outros, mas ainda requer cuidados e atenção.

Em vista disso, percebe-se que de acordo com o que foi relatado pelos agricultores no momento da pesquisa de campo, o quanto foram afetados pela pandemia nos momentos com restrições mais severas, porque muitos eventos foram cancelados, uma diminuição de idosos na comercialização dos produtos nas feiras livres.

Notou-se a importância do meio de comercialização das cadeias curtas na pandemia, e ainda mais das feiras livres, sendo que estas tiveram que se adaptar as medidas sanitárias para continuar no mercado, então, estas famílias de agricultores tiveram muitos desafios para se adaptar a essa nova rotina, tanto com os produtos, a rotina de precauções, se reinventar para manter a comercialização ou em relação a renda. Portanto, é visto que se percebeu na pesquisa de campo que houve impactos, principalmente no início da pandemia, onde com maiores restrições, diminuiu o público e assim as vendas, prejudicando os agricultores que dependiam exclusivamente da renda da comercialização em feiras, e também afetou a rotina da feira, onde alguns produtores tiveram dificuldade para se adaptar à nova rotina, assim como medos e incertezas como toda população em relação a Pandemia.

6. REFERÊNCIAS

ALENDE, C. R. M. **Estudo dos sistemas de produção dos agricultores familiares da fronteira oeste do Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado, Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

AMARAL, L. de S. *et al.*, O papel das Cadeias Curtas de Comercialização na construção de um modelo de desenvolvimento rural sustentável no semiárido nordestino: O caso da Central de Comercialização da Agricultura Familiar do Rio Grande do Norte (CECAFES) - **Sociedade e ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens** Vol. 55, p. 494-516, dez. 2020.

BASSO, C. **Os impactos da Pandemia de “Covid-19” na Agricultura Familiar: reflexos na comercialização de hortifrutigranjeiros**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria, 2021.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Projetos**. Disponível em: <https://caritas.org.br/projeto> Acessado em 20 de janeiro de 2022.

CASTRO, C. N. de. Desafios da agricultura familiar: o caso da assistência técnica e extensão rural. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**. IPEA, Brasília, 2015.

CLAUDINO, L. S. D **Impactos da Pandemia Covi-19 para agricultura familiar paranaense e a agroecologia como um caminho para superação**. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), 2020.

COSTA, R.K. dos S. Cenário da comercialização dos feirantes do município de Bom Jardim no Estado do Maranhão: antes e durante a pandemia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, 2021.

CRUZ, J. *et al.*, PoliFeira do Agricultor: Uma feira livre como espaço de reconexão alimentar da UFSM, no município e na região. **III Conferência Internacional Agricultura e Alimentação em Sociedades Urbanizadas – III AGURB – Porto Alegre**, 2018.

FERNANDES, A.F. Facilitadores e obstáculos para a implantação de um projeto de turismo rural sob a ótica das cadeias curtas de comercialização. CAMPO-TERRITÓRIO. **Revista de geografia agrária**, v11, n.25, p. 170-192, 2016.

FERRARI, D. L. **Cadeias agroalimentares curtas: A construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2011.

FRANCO, M.L. P. B. Análise de Conteúdo- Brasília, 5. ed. **Campinas: Autores Associados**, 5^a edição: Liber,2018.

FRANZONI, G. B. **Inovação e tecnologia Social: O caso da cadeia de agricultores familiares e a alimentação escolar em Porto Alegre/RS.** Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Administração. Porto Alegre - RS, 2015.

GAZOLLA, M. **Conhecimentos, produção de novidades e ações institucionais: cadeias curtas das agroindústrias familiares.** Tese (Doutorado). Universidade federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2012.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In; **Revista de Administração de Empresas – RAE**, v35, n.2, mar. /abr., 1995.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática-SIDRA.**
<https://sidra.ibge.gov.br/home/ipp/brasil> Disponível em 20 de janeiro de 2022.

INACIO, I. L. E. **Efeitos da Pandemia do Covid-19 na agricultura familiar de Mariana-MG.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Ouro Preto. 2022.

LOPES, I.D. *et al.* Cadeias agroalimentares curtas e o mercado de alimentação escolar na rede municipal de Ijuí, RS. **Revista Interações**, v.20, n.2, p. 543-557 abr./jun. 2019.

NEPOMOCENO, T. A. R. Efeitos da pandemia de covid-19 para a agricultura familiar, meio ambiente e economia no brasil. Boletim de Conjuntura (BOCA), **Boa Vista**, v. 7, n. 21, p. 86–96, 2021;

OURIVES, F. P. **Percepções de agricultores familiares acerca do uso de tecnologias e seus processos produtivos e mercadológicos.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria, 2021.

PLOEG, J. D. V.D. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, P. et al. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro Rio de Janeiro: **AS-PTA**, pág. 85-104, 2009.

POUPART, J. *et al.*, A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. **Editora Vozes**, Pág. 254-294, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C.de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Feevale, 2013.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local – um estudo de caso no município de nova Veneza/sc. **Revista faz ciência** v 14, n. 19, pp. 101-130,2012.

SCARTON, L. M. **Cocriação de valor em cadeias curtas de abastecimento alimentar: Estudos de caso no Rio Grande do Sul** . Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Agronegócios do Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Porto Alegre – RS, 2016

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D.L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar – O processo de realocização da produção agroalimentar em Santa Catarina. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, **Lavras**, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015.

SILVA, M. N. DA *et al.*, A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil. **Revista Espacios**, vol. 38, n. 47, p.7-21, 2017.

SPINK, P. K. **“Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista”** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002

SOARES, H.M de; SILVA, T.N da Few Nexus e sustentabilidade na agricultura familiar e PoliFeira da UFSM. **XLIV Encontro DA ANPAD - EnANPAD 2020**. 2177-2576 versão online 2020.

SOUZA, M. T. M. *et al.*, Inovação por meio da comunicação: a experiência da PoliFeira do Agricultor In: 6º Fórum Internacional ECOINOVAR, 2017, Santa Maria. **6º Fórum Internacional ECOINOVAR. Santa Maria: v.6. p.1 – 10,2017.**

THIES, V. F. *et al.*, A participação da agricultura familiar nas compras para a alimentação escolar do Rio Grande do Sul: uma análise segundo a regionalização dos COREDES. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 10, 2020.

TOLEDO, L. A.; SHIAISHI, G. DE F. Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso. **Rev. FAE**, Curitiba, v.12, n.1, p.103-119, 2009

VERANO, T. de C.; MEDINA, G. Feiras que promovem a inclusão de agricultores familiares em cadeias curtas de comercialização. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura** v.29 n.1 p.197-218 fev. a mai.,2021.